

organismo / n° 9

conceição evaristo
e lívia natália
(orgs.)

FUNDAÇÃO
CULTURAL
ESTADO DA
BAHIA

**fun-
ceb**

Fundo de **cult
ura**



**Governo do
Estado da Bahia**

Secretaria de Cultura

akins kintê
alex simões
ana célia da silva
ângela vilma
ari sacramento
carlos machado
cidinha da silva
cristal
cristiane sobral
cuti
daniela galdino
elio ferreira de souza
esmeralda ribeiro
jairo pinto
jarid arraes
jenyffer nascimento
jorge agosto
jovina souza
lande onawale
laura castro
luedji luna
lubi prates
marcelo ricardo
mariana oxente gente
miriam alves
mônica menezes
rita santana
ryane leão
sarah kersley
urânia munzanzu
wesley correia

organizadoras
minibios

“Faremos Palmares de Novo”, a opressão não tolera a poesia!

Começamos a recolha de textos e a organização desta revista em plena efervescência política no nosso país, caminhando por eventos, festas literárias, fazendo palestras e dialogando com pessoas e vendo, no seu olhar, a angústia, o medo, mas também a força e a vontade de seguir com a certeza de que seguiremos juntxs!

Agora, esta coletânea do que entendemos ser um extrato da potência e da beleza de nossas poetisas e poetas mais queridxs, emerge num contexto que vespera tempos brutos. Estamos longe de 1964, no que diz respeito ao isolamento e vulnerabilidade coletiva, há uma imprensa internacional atenta, órgãos de fiscalização nacionais e internacionais, enfim, coletivamente, estamos em relativa proteção. Mas, no nosso cotidiano, nas ruas, praças, elevadores, shoppings, salas de aula, nós estaremos sozinhxs carregando nossos corpos e os textos de que eles são feitos. Por isso a poesia deve ir conosco.

Este livro deve caber no bolso, na bolsa, na mão, ir junto com a marmita de quem trabalha, acompanhar à praia, dormir na cabeceira. Estes poemas foram feitos pra você, pra que você não sinta desabrigo destes tempos. Estes poemas são a nossa forma de aquilombamento, e, neste momento, nosso quilombo afetivo está aberto a todas as pessoas que são defensoras da democracia, da vida e da liberdade.

Entre, mas tire os sapatos cansados de caminhar. Sente-se, nosso coração está aberto, cuidadoso e atento à sua palavra e ao seu silêncio. Estes poemas estão aqui para lhe dizer que se elxs combinaram de nos matar, “nós combinamos de não morrer”.

Conceição Evaristo
Lívia Natália
Organizadoras

Nosso encontro

Aguardo o encontro
Nosso encontro é uma fita
Aguardo ansioso
Nesse cais tenebroso
Inquieto o momento
Pro meu eu detento
É um domingo de visita

Esse nosso encontro
De arrepiar os ossos
A mente vaga tonta
Quando se encontram
Molhados, embriagados
Nossos lábios grossos

Já me conhece
Auto estima me deserta
Feroz
E o que acontece
A corda flerta
Comigo diversos meses

Já me conhece
Sou pela arte conduzido
Magia da voz
E a poesia é prece
Eu luto, pra não ser eu o luto
E pela corda ser seduzido
Várias vezes

Por isso nosso encontro
O brilho e seu afã
Vamos como?

Dados, entregues
Como se não houvesse
Um amanhã

Por isso quando entro
Quando te encontro
Quando tudo dentro
Tudo no ponto
Meu olhar vagueia tonto
Meu sentido fica lento
Meu eu desatento
Corpos pretos sem confronto
Só quero acaento
Afagar enquanto monto
Me desnudar eu tento
Envergonhado escondo pranto
Minhas magoas não te conto

Pelamô deixa quieto
Pelamô fica perto
Por amor me encontre
Melhor encontro! Tem um monte
Uns caras mais certos

Meninos sem cores
Uns boys melhores
Bem desconstruídos
Sou do bonde “insensíveis”
Descambando o centro
Como desconstruído?
Sou um barraco em escombros
Com fantasmas de ruídos
Sou uma casa de assombros
Pichada coisas horríveis
Por dentro

Quando estamos juntos
Juro me apronto
Quando te encontro
Nada em torno existe
Só o que a gente sente
Os olhos fogem do que é triste
Navegam fechados
Navegam no fundo
No fundo da gente
Descaracterizamos o mundo
E a gente não desiste
De um pelo outro ser amado

Pra uns e outros

É sempre assim quando um talento surgiu
Explodindo no sucesso aqui do gueto
A ganancia em seu peito urgi
Tem que esta encostando com esse preto

Consagrado na música brasileira
Tem sua história e não quer ficar pra traz
Vai no garimpo até se joga na fogueira
Se necessário diz que são negros seus ancestrais

Mas se progresso papo de reparação
Fecha a cara diz sempre que não
As vezes com povo negro faz chacota

Ele que saiba da negritude num faz parte
Já aprendi nem tudo é só arte
Por mim acabou sua cota

dentro da represa, o rio

nada se sabe de uma palavra,
me disse o dicionário,
sabido que só.

mas ó:
dicionários só sabem
ao que já passou
na ponta das
línguas

retendo, friccionando, escapando, vibrando, explodindo,
expulsando
– pelo céu da boca, pelos cantos internos da bochecha, pelo
nariz –
sons gerados nas entranhas, percutidos na urgência, misturados
com
saliva, lágrimas, muco cervical, catarro, sangue, pus, esperma,
fezes, urina.

o dicionário estanca
o que a língua flui.

tapetum lucidum

nem queria dizer, mas vou, meu cu
não é problema seu, mas qual o quê?
meu pau não é da sua conta, mas
você quer se meter, quem é você

que vem se intrometer? minha xoxota,
meus pentelhos, meu útero, a quem
eu devo confiar as minhas contas,
minha mastectomia, minhas crenças,

minhas descrenças, minhas preferências
estéticas, meu histórico do google,
meu nome social, minha posição
seja de ideias, seja sexual,

a orientação, a identificação
de gênero, minha não binariedade,
minha filiação a tal partido,
meu anarquismo, meu salvo-conduto,

minha lista de compras, minhas contas,
o que aprendi na escola, o que ensinei,
a cor da minha pele, meus cabelos,
o nome de batismo, a apostasia,

minhas metamorfoses, minhas dúvidas,
meus medos, meu lugar de fala ou falha,
meu calcanhar de aquiles, minhas pregas,
meus filhos no museu, meus outros eus.

não queria dizer, mas quem são eles,
não fôssemos às vezes nós fazendo
as vezes deles sem nos entendermos?
as nossas diferenças são iguais,

maiores ou menores do que as deles?
nossas pedras jogadas contra nós
e mais as pedras deles enquanto eles
nos catapultam, nossos estilingues

bem sabem sermos peças de um xadrez.
não esquecer que, se eles trazem trevas,
podemos nos mover na escuridão:
justo no breu é que melhor dançamos.

Bebê a bordo

'Que brilho é este negro'?
É o brilho do sangue no asfalto
Dos bebês do Curuzu
Negras crianças insurgentes
Desesperadas, abandonadas.
Negra juventude transviada?

Seus frágeis corpos metralhados
Seguem a bordo do grito de justiça,
Espalhados pelos blocos afros e MNU
Pelas ruas da Liberdade e Curuzu.

ana célia da silva

Prá gostar de ser

Ébano, ônix,
Azeviche, jabuticaba.
Olhos de rubi,
Cabelos de mata,
Torcidas raízes,
Naturais, ornamentais.
Presença revivida
Dos nossos ancestrais.
A síntese
Da noite, petróleo, carvão,
Açúcar cândi, chocolate, mel.
Doçura, alegria, beleza.
Luta, conquista,
Certeza.

ana célia da silva

Pão

Podia faltar a reza,
A fé, a luz, a água
Mas não o pão,
O jornal, o afeto.
Todos os dias.
Ao cair da tarde,
Ele os trazia
Debaixo do braço
E no abraço.
Com sua farda caqui
De botões dourados
Ariados com kaó,
Que escurecia
Seu rosto e suas mãos
De preto sarará.
Um dia faltou o pão.
Ele não resistiu
E nos faltou.

ana célia da silva

DEPOIS

Não sei em que nos transformamos
ao não morrermos, antes dos trinta...
Uma árvore frágil, que o vento balança
e verga para um lado, para o outro
numa dança difícil, em que os galhos
fortes, resistem.

Não sei em que nos transformamos
ao não morrermos, antes dos trinta...
O décimo andar não mais nos atormenta
E de lá olhamos nossa alma
na calçada, adormecida.
Sequer descemos para acordá-la.

Não sei em que nos transformamos
ao não morrermos, antes dos trinta...
Talvez numa flor guardada, dentro de um livro,
uma pétala estremeçada,
à espera ambígua de quem a toque
sem que possa destruí-la.

A DOÇURA DAS COISAS PERDIDAS

A doçura das coisas perdidas,
para sempre perdidas.
Como receber um buquê
de rosas mortas
somente pelo cheiro que continua,
cheiro forte, perfume que em nada atenua
a dor do que foi perdido.

A doçura das coisas perdidas,
um anel, um marcador de páginas,
um livro, e minha letra de menina dentro dele.
Um amor que nunca aconteceu,
a dor de saber que nada é teu
diante da vigília dos que não te amam
vigília cheia de ternura exposta, e definitiva.

A doçura das coisas perdidas,
Um rio, uma pedra, um morto, a volta
de Lázaro, a ressurreição de Cristo:
perdemos a cena; e a Solidão, uma antena
se insinua, em silhueta,
no intuito, secreta, de nunca sabermos
por que tudo um dia perdemos.

DOIS POEMAS PARA TEU NOME

1.

Sei teu nome de cor, teu nome completo
aberto feito uma flor, uma flor silvestre
doce e perversa, ácida e inerte.
Nenhum vento balança teu nome
enorme, parado no mundo, como perdido musgo
grudado nas funduras de um palácio de bronze.

2.

Teu nome completo é um poema:
Verso de um epigrama, ou dor de uma elegia.
É uma lenda enorme, uma canção, inscrição
no Oráculo de Delfos:
Destino sem remissão;
mas uma alegria.
Epitáfio, podes gravá-lo em mim,
aqui, nessa veia.

RIBANCEIRO

Toda lágrima sem precipício
cai no silêncio de mim:
duras pedras desaguam rios,
rios de pedra dançam com raios.

O olho - o limite - faísca.
O coração, como qualquer carbono,
queima.

ari sacramento

Eu te soltei no mar

Eu te soltei no mar,
pelo peso dos dias naufragados,
eu te soltei no mar.

Com rosas de leite e sangue,
pressinto, ainda que

Pacífico,

Índico,

afogado em Atlânticos:

que não sou trovador,
não tenho cantar de amigo.

Vim de Ododuwa.
Não canto o mar.

SÁBADO DE ALELUIA

Os panos rotos me fazem
jazigo de amanhã.
Meu eros é mofo:
manto de alvenaria
na prece do frio das palavras.

Em qualquer violão sestroso sou,
solando tragédias.
Na folhinha, desde o Natal passado, ainda é sábado
Não rompo aleluias.

ari sacramento

A SUPERFÍCIE DAS LUAS

Oferenda ao negro-ângela Ewê, ô, Marcelo

Rasgou-me o peito ao longe,
entregou a Tempo – vento de minhas paradas –
o órgão de cordas cambaleantes.

Na primeira parada, dobrei-lhe: vixe! Oxes! e Oxês...
Na segunda, escrevi esta bíblia de silêncios
Na última?

- Lá mesmo onde te vi -

Eu mesmo me morri.

UM VERBO

o verbo fustigar
e sua urtiga

seu fuste sinistro
chiste de azorrague

o verbo fustigar
e seu trigo de ódio

rasgo de vergasta
nos tecidos

látego que late
sobre pano e pele

e inscreve no íntimo
um soluço de asas

carlos machado

LANTERNA

Acende a lanterna e ilumina
esse canto ermo
que todos fingem esquecer.

Ilumina, e surpreende
a ti mesmo:
revela os bichos peçonhentos
que talvez carregues no escuro.

Acende a lanterna e põe o foco
nesse canto enfermo.

Pensando bem
é melhor que passes rápido
e de luz apagada.

carlos machado

ALFÂNDEGAS

Que são os bares senão alfândegas
marítimas da alma?

Enormes navios de carga,
os corpos, abarrotados de mágoas,
aportam no cais.

E as autoridades da aduana
– garçons e bartenders –
vão trocando pesares por garrafas,
azares por novas taças,
altares por esquecimento
(com direitos extras
a náuseas e complicações hepáticas).

No fim, os corpos desatracam
suas âncoras e cordames.

Estão pejados de vapor etílico,
mas agora são pássaros
– gaivotas, andorinhas –
ágeis e livres
de seus antigos carregamentos.

Tambor das águas

É do Mara! É do maracá!
Ela tocou tambor no maracatu
Inaugurou linhagem
Reinou na mansidão de Oxum
As águas forçaram as portas
As mãos das mulheres puderam tocar o couro
E o maracatu dos homens
Nunca mais foi o mesmo

cidinha da silva

Ranhuras

Quero Michael no ouvido
Não o mutante
O Jackson Five
Menino que ninava os grandes
Aliviava-lhes o peso do mundo
Mesmo que o mundo lhe doesse tanto
Quero um funk na veia
Não o proibidão
Um funk da Tigrona
Que exorcize meus demônios e quebre meu barraco
Quero o colo de Elizeth
Seu amor sem pudor
E sem concessões
Seu mar de erres
Seu canto de mastigar a palavra
E mitigar a dor

cidinha da silva

Chuva

Ontem chovi
Era chumbo
A nuvem que me matava
Chovi mágoa
Contrita
Ebó despachado na praça
Na encruza do tempo perdido
Chovi no pântano dos afogados
Mangue de dor
Sem flor que nasça
Chovi o amor guardado
Tudo é morte
Tudo é renovação
Só por chover
Amor
Vivo

cidinha da silva

Thelêmica

Desespero era véu e manto
Soubesse morrer
Morria
Largada em qualquer canto
Como não sei
Morri no abraço de Kissimbi
E vieram as mãos do renascimento
Da velha mais velha que Nanã
Aquele que molda a vida antes do barro doce
Maneja a lama da kalunga
Faz casa na concha
Na água sangrada do mar
Morada do segredo
Que só Iamy sabe contar

cidinha da silva

Beijo

Só depois da entrega
Percebera o quanto fora inútil a resistência
Pois, mansa
Como a sucuri
A boca macia e úmida
Encantara a presa
Antes de comê-la

cidinha da silva

NEGRA HISTÓRIA

Ó SENHORES SUPREMACISTAS!
 TIRAR-NOS DE SUA CIRCULAÇÃO
 JÁ ESTAVA NA SUA LISTA. . . NEGRA?
 NEGRA como a dona do ventre que abrigou seus filhos
 Ventre aquele que quando o senhor explorava,
 Amava seus filhos?
 Me digam, por que tão frios ?
 Descartar-nos já estava em seus planos?
 Pôr a sujeira por baixo dos panos?

NEGRO bate forte no meu peito,
 Tipo na batida que suinga os preto
 A melodia que cativa essa cintura,
 Nega, vai negar o quanto de fardo que tu aguenta?

É o suportar, dessa vida que só tem a te ferrar
 Armadura da tua cultura que não quer mais se calar
 É sabedoria da tua pele escura que tem a te ensinar
 Porque vai te deparar...
 Com a malícia, de quem quer esculpir-te em sexo
 Frenéticos, amam tuas curvas, mas rejeitam tua vida tramas
 NEGRA DRAMA, que o destino é ser mãe solteira!

Quantos pretinhos sem pai sem nem saber aonde vai...
 O que serão de nossos pais, se eles nem tiveram pais?

ÁFRICA MÃE, SABEDORIA
 Que eu seja tudo aquilo que minha mãe foi um dia
 Frequências de solidão, exclusão, filosofia
 VERÍDICO:
 CABELO DURO QUE É PRA COMBINAR
 COM A FORÇA DO TEU ESPÍRITO!

É VIVÊNCIA! Tu já vem preparada,
Afinal foi em meio à treta que tu foi criada.
Acho que não entenderam quando Emicida disse que Deus era uma Mulher Preta,
Me abençoa toda vez que eu componha cada uma das minhas letra!

Negra é história
Mas eles nos negam a história
Líderes dessa escória
Uma hora vão cair,
E todo dia, conquistando mais uma glória
Pra marcar em suas memórias
Notórias, pique Taís
Eles contam uma versão que com a realidade não condiz
Nessa sociedade retórica
O país só vai andar, quando a preta tiver feliz.

Cês não nos querem como MISS
BRASIL
O CHORO LIVRE!
Lírica preta: Lauren Hill
Já nasci poesia
Quando a preta me pariu
Até Aparecida sorriu
Aprendendo com Angela
Tombando que nem Conka
Dama de primeira classe nível Michelle Obama
Caos e resistência já são nossos lares ,
Querem me tirar do topo,mas não cedo meu lugar,
aprendi com Rosa Parks
Resiliência já é meu dom,
Eu luto com as minhas garras
Poderosa que nem Marrom
Sem sair do tom,
Mesmo que nos tirem o chão

E que se foda o seu padrão,
Porque eu serei aceitação!

Não entendo essas mina hipócrita que falam de empatia
Essa tua busca por igualdade não me apetece,
Porque elas não tem sororidade quando o caso escurece
Empatia até que ponto? Quando eu conto, que elas são feministas,
Nem eu acredito!
Quando é só pra mulher branca não vem dizer que é feminismo!

Atura ou surta! A mídia que quando não te ignora,
Te deturpa, te estupra
"Nega maluca" te rotulará,
Banaliza tua luta, mas não vão mais me gongar!

Preta é só sambar ?
Só se for na tua cara!
Se antes virávamos o rosto
Hoje é a gente que te encara

PARA CONCEIÇÃO

Quantas das nossas “Vozes-Mulheres” calaram?
A dor e a repressão em quantos peitos moraram?
Quantos de nossos filhos já nos tiraram?
E quantos das nossas vidas apagaram?

Nossa pele preta escrita deu vida á nossa arte
As chibatada ainda arde
Nossa inspiração renasce

Aprendi com Conceição
Que somos Negros-estrelas, juntos uma constelação
Valorizei minhas vivências e escrevi Poemas de Recordação
De tudo aquilo que transbordava e não cabia mais no meu coração,
De geração em geração
Levo comigo a escrita
Às vezes cruel e vivida
de quem teve que voar,
pois já não
tinha
mais
chão

É nossa arte escura tomando conta dessa estrutura, não queremos mais
censura
Meu ventre exala literatura
Sou fêmea- fênix me recompondo depois das queimaduras
Minha armadura é tudo aquilo que seu dinheiro não pode comprar
Então que venha me atacar
Eu já cansei de te ver matar-nos
Nós eu peço pra Nossa Senhora desatar

Eu sei que tu não quer me ouvir, boy
Mas eu tenho muita história pra contar

Da Velha à Menina
Segredos de sobrevivência
E Bendito o sangue de nosso ventre
Eu levo com a minha essência

Eu quero
Todos os olhos em noiz, tô no pique Emicida
Não estamos mais sós
A minha força vem de mina
Eu luto com minha voz,
Tão potente quanto Djamila
Papel e caneta são os meus heróis
Não tem mais como fugir,
Já nasci dependente lírica.

Amor pelo meu Corpo-noite
Que já temeu a dor do açoite
A nossa força vem de longe
Minha glória não foi sorte, jão
A história que eu carrego está nos calos de minhas mãos
Eu já recebi muitos "nãos"
Aprendi a ser redenção
Hoje quero ser vida inteira
E transbordar em versos como fez Conceição.

ARTE ESCURA

É que o mundo vacilou muito com a gente
Povo cresce, o tempo passa, mas anda sinto as correntes
Pretinha, a força da tua afirmação vai incomodar o mundo
Mas quem disse que o objetivo não era esse?

Mesmo que nos tirem força
Mesmo que as nossas caem
Mesmo que o sistema mate
NÓS
VAMOS
SEGUIR
Em memória de cada uma que se for
De cada canto, cada dor
Minha pele me ensinou a resistir

Preta, que nossa arte não sirva só como escudo, mas também como ataque!
Colei com Negra Jaque
Já que é pra escurecer...
Espalhando nossos versos tipo anoitecer
E deixe esses boy falar
Deixe eles vê no que dá
Nos soltando das correntes
Uma puxando a outra
Pra voar

É a nossa arte escura dançando nas partituras
Eu tive um sonho no pique Martin
Onde nossos meninos não eram levados por viaturas.

Eu sei que essas mágoas tem a sua assinatura!
Ó SENHOR SUPREMACISTA
Eu que seguro essa estrutura
Eu que carrego as queimaduras

Eu que me recomponho depois das lutas

Então não venha banalizar minha arte!
Seus punhos de opressão
Já não me batem, já não me invadem

EU NÃO ANDO SÓ

E NÃO PEÇO SUA COMPREENSÃO
Sobre minha música, poesia
Minha dança, minha vida
Apenas escute não palpíte!
Aprenda sobre lugar de fala, Djamila
As nêga que chega chegando pique Ludmilla
Minha alma é grande, herança vem de família... Força de mina!
Muita visão mesmo com pouco de vida
Mas quantidade não é problema, tio
Eu tenho estoque de rima

Sou preta, sim
Não nego meu instinto de sobreviver
E sobre viver
Aprendemos de gerações em gerações
Já se foram os grilhões?
Tamo em ascensão, e não espera que não
façamos revolução!
A vitória de uma é glória pra todas
Esses são nossos valores reais
Por isso nada me quebra
Nada me abala,
nada me machuca mais
Porque hoje eu semeio e cresço
Mesmo vivendo com espinhos
Nesse chão de concreto
Eu floresço com minhas iguais.

Então foda-se a tua banca, minha lírica que te desbanca
Arranca minhas planta
Mas nunca vai tocar na minha raiz
Sabedoria de herança minha força vem das mucama
Então respeita os ventre que pariu esse país.

Águas

A força das mulheres
Está no cheiro de terra molhada
Depois da chuva esperada

A força das mulheres
Está na terra arrasada
Na planície devastada do sertão
Erguendo-se em seu próprio pó

A força das mulheres
Um dia vai oceanar
Jorrar gotas de esperança
Irigar a terra ferida

Sempre haverá força nas mulheres
Isso é o que importa
Mulher não é planta seca
Mulher não é natureza morta

Toda mulher
Pode se encontrar em suas águas
Toda mulher
Pode se encontrar nas águas do mar.

Quem sou eu

Se me chamam exótica
Não respondo
Aos apelos de: ei mulata!
Meu aparelho de surdez
Que eu nem uso
Está com defeito
Se me chamam morena
Uso a meu favor a invisibilidade do sistema
E desapareço

Morena? Sei que não sou
Ouvi linda? Rainha?
Sim
Essa sou eu
Bela como todas as mulheres
Que se querem belas
Amo ser quem sou

Se me chamam negra
Estou aqui!
Com toda a negritude do meu ser
Desfilo com alegria o meu pretume
Exibindo pra quem quiser ver
Na delícia de ser o que sou

Sou negra
Sou mulher
Aqaltune, Nzinga, Dandara
Empoderada ainda por muitas outras
Com orgulho!

Eu sou

O racismo quase me mata outro dia
se não fosse Nelson Mandela
Maya Angelou, Lima Barreto, Oliveira Silveira
ai ai...

o racismo, esse perseguidor
mas estou bem com vocês
Nina Simone, Luiza Mahin, Dandara

o racismo não me deixa dormir
porque ele não dorme
fico desperta com Ray Charles, Marvin Gaye
James Brown me disse que posso mais além do cansaço

sim, o racismo me deprime
mas a endorfina de ler Carolina Maria de Jesus
de sentir na alma o meu bom samba de raiz
de Clementina e Jovelina Pérola negra
vence tudo com a força da ancestralidade
o racismo ainda bate na minha porta
com seus mandados sem justiça
mas não estou
eu sou
negra e livre
negra e linda

o racismo não tem paz
não foi ele que inventou o jazz
nem o soul
o racismo não é ninguém
mas eu sou.

MÃOS À GRANDE OBRA

Não tenha pena da mentalidade de escravo
criada na casa-grande
mantida e alimentada com humilhação
chicotada e prisão
por capatazes e do mato os capitães
de hoje, ontem
e não mais amanhã

Não tenha pena da mentalidade de escravo
elaborada para que ele
o escravizado
sempre tenha medo de dar o passo
para a fora da cela
para além do arame farpado

Não tenha pena da mentalidade de escravo
ela é o pelourinho no coração e no cérebro encravado
para que a vítima aniquile a própria coragem

Não tenha pena da mentalidade de escravo
ela existe para destruir o entusiasmo
o prazer de viver e a vontade

Não tenha pena da mentalidade de escravo
vamos eliminá-la com arte
para que, no impacto, como pessoas livres
sobrevivam a irmã e o irmão escravizados
e façam parte da construção do quilombo planetário

Não tenha pena da mentalidade de escravo
é o XXI o século libertário.

mapa

meu zero por cento de terra
relapso aroma de puta
fiapo da loucura nos dedos
contorna fobias varonis

se amei terrenos duvidosos,
virei planta eriçada ao léu

fico no tempo, sob lua
chuvas e jatos de infâmia
num dia broto
se noite, escorro
apodreço quimeras esponsais

biodesagradável para infusão
dura de corroer as tripas
inverto faróis na faixa litorânea

dos afetos, um só desejo:
quero fogo na Baía de Todos os Prantos

roda gigante

botões desatam esperas
explodem orquídeas na tarde

a mulher sangra o colchão
do homem que é só – vertigem

o dia se vira em lembranças
na noite alumbrada de vento

uma gata carrega saudade
na barriga incandescente

a mulher, botão explodido,
é dia sangrado na casa

a gata parindo em silêncio
desata saudades noturnas

felinas bichanos sangradas
espalham vertigens no teto

o homem se faz em resguardo
na casa de chuva nascente

a mulher, o homem, a casa
carregam dilúvios felinos

o templo querência de afetos
alumbra noites imensas

e os dias gestam saudades
paridas aos montes na espera

Ardil

Recolher
a matéria
que é de
silêncios:

eu não
quero
levantar
a palavra
em vão

porque...

quando eu falar
irão
despregar

todas as estrelas
do meu céu
da boca

daniela galdino

AMÉRICA NEGRA

1

Américas,
Adão era negro,
Eva era negra.
Adão e Eva nasceram na África.
Américas,
Eu também sou negro:
Adão e Eva no jardim do Éden.
Sou filho do barro,
Filho da lama escura da Mãe África:
A primeira mulher,
O primeiro homem
Neste Dia da Criação.

Américas,
Eu sou negro:
A Matriz da raça humana.
Conta a mitologia dos Orixás,
Que Nanã pegou uma porção de lama
Do fundo das águas de uma lagoa onde morava.
Das suas mãos, Nanã deu o barro a Oxalá
E, do barro, Obatalá criou a Mulher e o Homem.

O sopro de Olorum fez os dois caminharem
E os Orixás ajudaram-nos a povoar a Terra.
Um dia, a mulher e o homem voltarão ao pó,
Voltarão ao barro, à lama da Terra, à casa de Nanã Burucu.

BRASIL NEGRO

6

Esperança Garcia

(Uma reescritura da “Carta” da escrava Esperança Garcia)

Brasil,

meu Brasil Negro.

Sou Esperança Garcia do Piauí:

escrava da fazenda Algodões da Coroa de Portugal,

casada e mãe de dois filhos.

A escola é maçã proibida para escravos:

de cada cem ou mil,

um de nós sabe ler ou escrever.

Sei ler e escrever,

coisa rara entre nós da escravaria.

Escrevi a “Carta” de 6 de setembro de 1770,

escrevi a “Carta” ao Governador da Capitania do Piauí.

Contei-lhe as trapaças e as perversidades

do administrador das fazendas reais,

contei-lhe das “trovoadas de pancadas”

contra o meu filho,

um menino de três anos de idade

que chegou a sangrar pela boca e nariz.

O administrador me tirou de perto

dos meus filhos e do meu marido.

Ele me confinou na casa dele.

Sou um “colchão de pancadas”,

uma vez caí do sobrado, rolei escada abaixo,

quase morri:

eu estava peada feito bicho brabo.

Escrevi ao Governador sobre a peia,

o chicote, as humilhações

contra mim e parceiros de escravidão

da Inspeção de Nazaré do Piauí.

Fugi com os meus filhos:

um de sete meses, ainda de colo,

e o outro de três anos.

UMA VEZ

*Now I was eight and very small,
And he was no whit bigger,
And so I smiled, but he poked out
His tongue, and called me, "Nigger."
Countee Cullen*

elio ferreira de souza

Uma vez caminhando pelas ruas
Da minha cidade natal,
Com o coração cheio de sonhos,
Fui ao Mercado Velho de Floriano,
Ao quiosque de dona Isabel Carneiro,
Uma amiga antiga da minha rua, da minha casa.
Eu era uma criança, tinha doze anos,
E o coração quase a saltar pela boca,
Com a minha aprovação
No exame de admissão ao Ginásio,
No Colégio Industrial São Francisco de Assis.
Dona Isabel me abraçou e disse:
"Este menino vai ser um grande homem, um doutor!"

O homem de bigode vendia joias de ouro,
Num tabuleiro defronte, na esquina.
O homem branco sorriu com desdém,
Ele apontou para mim e disse:
"Doutor, hein...
Isso aí na minha terra é um rolo de fumo preto!"

Eu era uma criança, tinha doze anos
E não me esqueci desse acontecimento.

Afro Arte em Nagô

Orgulho de ter no orí, Xangô,
dança o homem, dança a mulher
é o nosso corpo em festa
é assim que te vejo
é assim que sempre estou

O povo em ritmo de afoxé,
no chão os pés espalham axé
é energia,
é a pessoa em equilíbrio
é uma estrela sempre a brilhar
meu corpo fica entre o céu e o mar

esmeralda ribeiro

Movimento d'Água

encontro hoje e sempre
entre águas, entre Yabás
chuá, chuá, chuá, chuá
que vira mar

são lágrimas pelos nossos jovens
ainda cheios de ideias
sonhos, quem sabe?
No fundo do mar-corção tem horas
que a saudade é uma grande embarcação
tem horas que é só
chuá, chuá, chuá, chuá

são águas todos os dias
até que a lágrima-chuva
encherá a outra margem do rio
até transbordar

não serão águas calmas e nem silenciosas
e afogarão os pseudos machos “arianos”
que exterminam sem critérios, sem pudor
nossos jovens e nossas jovens
tem horas que só rezar
preces de mulher-mãe:
“Yabás
cuidem dos nossos
hoje a lágrima-mãe
tem cor, tem sobrenome
levem pro fundo do mar os danosos
sejam nossas guardiães
pra onde vão essas lágrimas-chuvas?
Yabás, vigiem o movimento d'água
para que vire um Tsunâmi

Oh! Guardiães a dor
será uma só, nem pense escapar
pra Miami
a dor será uma só
chuá, chuá, chuá, chuá

Lugar de Fala

Estes não são versos brancos

Falo de cafunés e dengos
Banzo e calundu

Meus versos são livres.
Meus versos são livres
E não são brancos.

jairo pinto

O velho jornalista

Há muito ando sem notícias
Daquele velho jornalista
Se para alguém era paisagem
Para mim era um aceno
Uma passagem pr'um bom dia

Será que cansou daquelas notícias,
O velho jornalista?
Será que foi fazer Palmares de novo?
Se encheu da fumaça de escapamento?
Será que vendo tantos carros passando,
Viu sua vida passar e resolver dizer sim ao amor?
Será que foi viver de pensamento?
Se tornou um agudá,
O velho jornalista?
Foi tratar um glaucoma?
Teve que chorar escondido
Os machucados diários do racismo?
Ganhou na loteria e comprou o jornal?
Será que a capa de Super Negão
Escondia sua tristeza, insegurança, dor, medo?

Oh, velho jornalista, onde estás?
Não estive nas manchetes
Partiu, assim
Como muitos de nós
Sem notícias...

Livre trânsito

o transe
da transa
também transita
no corpo
da trans
preta
que com
ou sem
boceta
goza
da liberdade
de não precisar
de outrem
para lhe pagar
as contas
e
portanto
transborda
com seu mega-hair
de tranças
Ao meio dia
em plena
Avenida 7

jairo pinto

meio do céu

conclamamos os astrólogos
as tarólogas ofertamos nossas
patas à leitura e sobramos na
borra do café porque somos
os únicos bichos preocupados
com o futuro
no entanto
saturno
pode ser apenas pedra
e júpiter pedra
e urano e mercúrio e marte
também a mais pura e
gravitacional rocha
os oceanos sofrem a influência
da lua porém nossos corpos
comportam marés bravias
e o universo não tem assunto
com isso
somos menos que o grão moido
nada nutrimos e causamos
apenas vícios
somos menos que uma concha quebrada
porque o papel da concha
não é adivinhar o porvir
mas se pisada e partida e se nenhuma
metáfora de vida puder ser encontrada
a concha existe e nada espera
porque isso se basta
mas nós aguardamos
balançamos as pernas
queremos compreender
escritos
sobre a casa 2 e vênus
em peixes
queremos o carisma dos melhores

signos e a capacidade de vingança
dos animais peçonhentos
temos a identidade
fragmentada
por mitos
por estrelas que morrem paralelas
buscamos as cartas
as runas búzios moedas as linhas
das palmas os exames caseiros de gravidez
as revistas do João Bidu
queremos o futuro entregue
mas não qualquer presságio
somos ingratos com o acaso
brincamos com a envergadura da nossa força
inutilizada pela ânsia
pelos corações apressados batendo tambores
lendo papéis pelas ruas
esperando pelo amor que seja devolvido
contando os dias a partir da palavra
da mais teatral
feiticeira
do mais serpentino pastor
cortamos nossas raízes e estamos perdidos
acreditamos no contrário
traçamos conjunções e plutônicos
dizemos que somos os mesmos que
todos os outros milhões
de antepassados
mas veja bem
talvez sejamos
talvez não estejamos
tão escandalosamente
errados
estamos mesmo
com o futuro
todos muito
preocupados

asas

feito gato
atiçado
por todo meneio
rápido
eu também sou
atraída
pelos insetos
que se atiram
contra a luz
essa é a utilidade
e o fim
das asas

jarid arraes

duas cadeiras

conte para mim
sobre como tudo anda difícil
e nem a cerveja se paga
e nem a escrita se cria
me conte
sobre os imprevistos
e as curvas fechadas
sobre os livros
abandonados
as exposições vazias
de significado
me fale sobre a rotina
que esmaga
com as palavras que
sempre as mesmas
se usa
e sobre a cidade cinza
os rios espumantes
o quilo de sal
caro
que se come
me conte
sobre as temperaturas
altas e os corações
apáticos
sobre as relações
de supermercado
os produtos
políticos
eu quero ouvir
sobre as pequenas vidas
os pequenos instantes
de vida
que ainda resistem
aí

jarid arraes

Caligrafia da resistência

(para Conceição Evaristo e Amelinha Teles)

queria ter essas mãos
que se estendem
e curam passagens
como pontes
para pés hesitantes
como água
para barro quente
e vermelho
mãos
puras de certeza
e sangue
queria ter essas
mãos
que escrevem
a caligrafia da resistência
os discursos que
irão e continuarão
exclamando cheios
de força
jorrando
identificação
essas mãos
de quem costurou
buracos de bala
arrancou dentes
podres
encheu potes de
pus
transformou
choro em
vinho
multiplicou pães

jarid arraes

e feixes
botou fogo
em tudo
e pos o corpo
ardendo
em círculos
de dança

nunc obdurat et tunc curat*(para Beatriz Nascimento)*

1439 lugares
e eu era a única negra
há espíritos fortes que falam
de racismo
enquanto assistem carmina burana
[eu quebro]
o primeiro ato
é o roubo
quero escrever coisas outras
pássaros vaginas janelas o clima
as lentes o detergente
roubaram de mim
de você desse lápis
desse teclado
a escrita da poesia qualquer
enquanto o cérebro
escurta o circuito
a medicação tropeça
enquanto sou como todas
as outras poetas
fui roubada
quero sofrer como todos
os loucos
e das palavras que surtam
peneirar
a estética
mas se atente
ao movimento
dos furtos clássicos
históricos e afinados
entre todas essas que versam
um papel me foi restado
quantas negras eu questiono
o que escrevem

essas negras
o primeiro ato
é sempre um trato
assinei esse papel
de única e exceção
e agora minhas frases
são fronteiriças
e beatriz eu só queria
escrever sobre as paredes
os olhares e as cadeiras
os baralhos os abismos
1439 lugares
e eu era a única negra
eu deveria estar feliz
porque ocupei esse espaço
montei essa ocupação
solitária
de uma bandeira
parda
[eu quebrei
em mil pedaços]
eu deveria estar feliz
mas beatriz eu só queria
escolher uma poesia
beatriz eu só queria
como todas as poetas
as negras também
surtam
mas o primeiro
ato
é sempre uma
pergunta
onde estão as
negras
onde estão
as negras
[onde estão as negras]

Beira

que mulher que
sou
me pergunto
espelhada
que mulher tem essa pele
desbotada
o que sou de mulher
com cabelos armados
e perigosos
que mulher periga
na linha encardida
da caixa parda
que mulher que sou
aos teus olhos
de mulher
sou repetição
diferença
ou sou resposta
quem sabe
ausência
que sou eu
mulher
misturada
entre cores
diluídas
e marcas
deixadas
não sei que mulher
é meu tipo
de ser
se sou como ela
como outra
se minhas raízes
se fazem entender

jarid arraes

pergunto
no espelho
com o tubo
de creme
[pingaram três gotas
no tapete]
que mulher sou eu
mulher-quase
mulher-nem-tanto
mulher-um-pouco-demais
para não ser

no teu cirandar

desde que te conheci
andei perdendo a medida do sal
esquecendo o fogo ligado
só essa semana o arroz queimou duas vezes
ando aérea, cabeça na lua
sem querer vesti a blusa do avesso
andei passando do ponto de ônibus
e escrevendo essa paixão nos muros por aí
toda noite estrelas assobiam teu nome
eu posso ouvi-las como se cantassem um blues
minha alma dança pra te celebrar
em um striptease de vontades sinceras
não consigo conter a esse chamado
ainda que a minha situação não seja das melhores
afinal tudo anda tão caro
o feijão, o tomate, as frutas da feira
por aqui tem faltado água todos os dias
ontem o patrão quase me demite por questionar sua postura
eu me sinto ordinária, vendida
engolindo minhas próprias convicções
a troco de três dígitos na conta ao final do mês
as notícias da TV e dos jornais
me dão ânsia de vômito
nós os pobres, sempre arcando com o prejuízo
um desamparo desmedido
uma desassistência intencional
querem nos enlouquecer
nos eliminar
tudo isso me dói
fico pensando em um mundo melhor
que nada tem a ver com discursos bonitos e vazios
feitos por “gente de bem” que nunca soube
o que é estar aqui, viver aqui

inacreditavelmente
em meio a tudo isso
fico pensando nos teus pés descalços
na ciranda das tuas mãos com as minhas
na tua presença negra e reluzente
nas cicatrizes que enfeitam seu corpo
nessa tua revolta
que tanto combina com a minha
a máquina do mundo tritura os sonhos
faz suco de nossos querereres
tempera tudo com uma amarga incerteza
não podemos beber desse veneno
ainda que chova
ainda que a lua não venha
ainda que queimem os livros de poesia
ainda que nossas tradições sejam perseguidas
ainda que não tivessem inventado o celular, a internet
ainda que as leis deles tenham sido pensadas só para nos prejudicar
ainda que sonhar o futuro seja quase leviano
Pasárgada não existe
e nem é ela que queremos
por isso,
pensar em você me anima
fico alinhavando pensamentos desse nosso caminhar
[corajoso e cambaleante]
em que precisamos deixar pegadas
que possam levar a novos lugares
onde nossas pipas avoem mais alto
disbicando no horizonte
e sejam mais sagazes
que a linha chilena
que deseja nos cortar
diariamente
não podemos mais esperar

dancei

cada corpo que dança
extrapola o que antes era estático
vai dando forma e contorno
ao que se é, ao que se sente
ao que não pode ser expresso
de outra forma

a dança,
antes pulsão de liberdade
de um corpo só
passa a ser o exercício de conexão
entre o passo e o compasso
a traquinagem e o requinte
das liberdades que ousaram
se ajuntar

nesse ajuntamento
o tempo suspende sua regência
abrindo espaço
para essa dança-enredo
de
um querer bem
um querer perto
um querer dentro
que faceiramente
chamamos
amor

o ritmo não permanece intacto
há de se estar atenta
para manter a marcação e a beleza
mesmo em frias noites de outono
com marte retrógrado

nós,
criamos não só a dança
mas também a sonoridade que nos embala
como ondas senso-afetivas no universo
e quando a música para de tocar
vai se dismantando a harmonia
de quem um dia já foi par

(...)

eu já não ouço mais o nosso som
meu bem
eu já não sinto mais o seu compasso
meu bem
eu já não ouço mais o nosso som
eu já não sinto mais o seu compasso
meu bem

dance, dance, dance

as deusas sopraram do lado de cá
só venta pro lado que tiver que ventar

Em nome do pai

esse peso todo
no meu ombro

esse corpo
escombros

que carrego
sem consolo

o cisco que
não sai do olho

os pés arrastando
essa tonelada

de pedras de pedradas
murro em ponta-de-faca

cristo na cruz
não serviu pra nada

pago minha conta
meu próprio sacrifício

é estar vivo como
uma planta um bicho

jorge augusto

auto-ajuda.

...

nem a muralha da china
nem todos os ansiolíticos

nem poderes de super-herói
nem a fé em deus ou mil ebós

podem contra essa emboscada
cobra que morde a própria calda

muito menos o serviço de
proteção a testemunha da cia

nem a mãe o pai ou a psicanalise
fadas ou coletes a prova de balas

nem a faixa de pedestre
o amor o amante a cartomante

nem o emprego nem o medo
não nada nem nenhum enredo

tem o segredo de proteger
de si mesmo o sujeito

Fogueteiros

roupas quaram no varal
perdem peso
no movimento do vento

fazem seu balé
baile de bandeiras no quintal
tremem e tremulam gestos

que escrevem seu braile
símbolos e sinais de fumaça
nas janelas e sacadas

bandeiras de nenhum país
nem partido - trazem seu axé -
balançam a paz, seu exercício

todos sabem desde menino
os signos desse ofício
não dar o corpo em sacrifício

no xadrez sem rainha nem rei
do lobato ao vidigal, nenhum deus,
nem oxalá, protege mais q o varal

Eu sou um rio.

Faço-me de gotas contínuas,
que se juntam e seguem para o mar.
Entre margens insólitas o rio sou eu.
Meu cimento são as negras memórias
bravas histórias, remanescentes vozes
dizendo aos meus ouvidos: em frente!
Guardo tudo, desde o início
e assim,
fortaleço meu coração ilhado
entre promessas suspensas.

Sigo meu leito de rebeldia ao silêncio.
Livre,
vou no curso das minhas ordens
nas desordens das curvas e retas
Sei para onde ir
e vou,
seguindo minhas tantas correntezas
ora em águas turvas, ora em águas limpas
Sempre sou um rio,
faço memórias para outros tempos.
Do nascedouro inocente até as cachoeiras
trago vida, fertilidade, ouro e diamantes.
Se encontro pedras, faço desvios
Pois,
eu sou um rio vencendo margens estreitas
para ser onda gigante no leito do mar
subir bem alto, passear.

Caso de polícia

Um grito de menino,
um estampido da polícia,
mais um tiro certo.
O sangue foi lá no céu da pátria,
desenhar mais um rosto negro
na bandeira brasileira.
O sangue não era preto nem branco.
escorreu quente de vida,
rubro, vermelho.
Era de mais um jovem negro brasileiro.

jovina souza

Amor casual

O nosso amor cresce e some no fechar da porta
sem aviso, volta sem prece , sem culpa,
oculta-se nos lençóis entrelaça nossas pernas,
depois fica rindo da saudade que já estava próxima.

Preso em mim esse amor sem hora certa
faz a volúpia do meu corpo e da minha alcova.
Ele nada sabe do pecado, nem do que é impróprio,
vem quando tem vontade,
se peço ele fica, se eu digo não, vai embora.

Nas minhas fantasias,
brilham seus cristais em chamuscas.
De lá vem a lira do desejo refazer a nossa cama,
enquanto eu, amante da carne, acumulo vontades,
imersa no mais profundo da sua ausência, a saudade .
Até a hora da catarse dos que amam os prazeres
nas margens doces do que é certo,
fora dos modos e dos tempos do amor, é verdade,
mas , no transitivo do seu verbo.

BARRAVENTO

no tempo em que as minhas mãos eram incólumes
a liberdade era um sonho insípido
inodoro como a fome aprisionada
por trás das vitrines do mundo
somente ao mergulhar os dedos
na ritmia dos tambores
a liberdade veio e dançou para mim
exalou seu perfume inesquecível
e com palavras e suor
inaugurou-me um novo paladar

lande onawale

TERRITÓRIO

onde quer que esse beijo pouse
glande, falange, fundo do ouvido
há de estremecer o corpo
assanhar o sangue
revoar gemidos

onde quer essa língua deslize
ânus, virilhas, axilas
há de corromper certezas
deixar as veias tesas
surpresas

onde esse dedo roce
provoque, evoque...
algo em mim responderá ao chamado
desejos aquilombados
libertam o território do meu corpo

lande onawale

MÃE

toda vida seca
tem a alma encharcada...
e esse mar interior que herdei de ti
é que me fez ser tão comigo

retirante

e em sendo assim eu resultei poeta...

é a poesia que te arranca de mim
como se me coubesse te pagar em igual moeda
contudo, o verso viceja
tu cantas, porque a distância existe
e deste à luz a graúnas
a raridez dos carinhos não era um destino imanente
mas o amor faz receoso o ser de águas margeadas
- quando água há
um dia, zumbi desceu e te levou pro macacos
para, quem sabe, estando livre
precipitar-se sobre a serra
aquele vinte teve as lágrimas como contraponto
e os teus chinelos arrastados
(tua presença anunciada)
foram saindo... como sempre

lande onawale

Mãe só

Para Benjamin
é como se estivesse faltando um pedaço,
aqui,
sem o menino.

é como se ele tivesse
de repente
sumido do mundo
e no mundo aberto um buraco.

como se a vida não tivesse passado,
como foi.

é como se as minhas mãos
de repente
ficassem novamente vazias
sem fazer sentido
inúteis.

que tristeza infinita deve ser
a vida das mães pretas
que perdem seus filhos
para a chacina dos homens
brancos.

a culpa gruda e não me larga

sacode, sacode, sacode a poeira

surgir. rugir. correr. curar.

a progressão fevereira,
rápida reviravolta.

*não é passarinho, mamãe
é um pato da represa da vovó*

e eu direi
escuta, meu filho, tua mãe tem um coração vagabundo
perdoa tua mãe, meu filho

foi que eu pensei, passarinho
que era pra você
voar
sozinho

não estava cedo demais?

eu sei, eu sei
parece pato o passarinho
que desenhei enquanto te esperava
são os patinhos da represa da vovó

olhos cerrados
para ver a beleza das curvas
tortas
dos espirais do planalto central

- do começo ao fim
imagino tua viagem
de outra que fiz -

rego na praça
o pé de menino
para crescermos no tempo.

nossa história não termina
nunca
de ser contada
e escrita, parceiro

daquelas cores que floresciaam na quaresma
eu vi
a primavera sorrir.

e eu me lembrei de tudo
porque tive que chover
para ficar verde outra vez

já vai ficar tudo Ben, mamãe

Água viva

A fenda
da ferida
exposta

Da pele que queimou

Carne viva.

Lembrança
do asfalto
da infância

A m água escorrendo
da ferida
ferida outravez

Sangue e pus.

Toda sorte
de gelos
e ventos
por cima
do trauma da pele
da escrita do abandono
grafado na infância.

A ferida
afeiçoada
sou eu

A água
A água que queima
Água viva
Água vulva

Vulto turvo
do destino

ser mulher
a vida inteira.

Ele não
Ele nunca

(por todas que se foram, por todas que são)

Nunca mais
me colocar em posições de irrelevância
de indiferença.

Acordo de cicatrização
Acordo de civilização
Sagrar isso
viva solene selvagem.

Setembro de 2018.

Janta(by luna)

tudo nele
eu gosto
da fala ao falo
ele não anda
passeia
não olha
dita
homem
de Ogum
sabe ser
bom...

“Eu me deleito onde me deito!”

Meu aviso prévio:
Gozo pra mim
é direito!
Até aí...
acordo feito
Noite dessas
virei pro sujeito:

“Tire seu prato da mesa e lave as louças, custa?”

acordo cedo
trabalho
pego a fila
e o filé
corto a cebola
e o alho
com açúcar
e com afeto
me faço doce

meu nego
e não te nego
denigo
nem escuta
pra suas dores
e lutas
que são tão minhas
custa?

Ele foi embora
pra nunca mais voltar
Disse que somos
i d e o l o g i c a m e n t e
distintos
jamais daria certo!

Mas eu acho mesmo que o problema foi o sal...

o salto (by luna)

seja amor
ou transbordo

eu escolhi teu nome!

palavra única
que minha boca
sussurra
e
canta

seja chão(!)
ou
abismo
eu pulo

é teu sorriso
que me empurra
peito a dentro

o que eu sinto(?)
é
amor
ou

fim de mundo.

luedji luna

(di)lua

o meu ventre
é leite de um rio
pronto pra transbordar
ele chove salgado
em meus olhos
e se move num dança
doce.
diluída.
derramada.

eu tenho um corpo mole!

a vida é dura.
tanto bate
até que
água.

luedji luna

hasta aquí, hasta llegar a mí

você traz na boca
todo o gosto do mar
e eu tento adivinhar
inutilmente
quantos oceanos você atravessou
hasta aquí, hasta llegar a mí
quais oceanos você atravessou
hasta aquí, hasta llegar a mí
para guardar em si
tanta água, tanto sal
em cada gota de saliva.
você traz na pele
todos os tons da terra
e eu tento adivinhar
inutilmente
quantos continentes você percorreu

hasta aquí, hasta llegar a mí
quais continentes você percorreu
hasta aquí, hasta llegar a mí
para guardar em si
tanta cor e esse cheiro
que se acentua quando chove.
você diz reconhecer
o gosto de mar que trago na boca
os tons de terra que trago na pele
fácil perceber então que
atravessamos percorremos
os mesmos oceanos os mesmos continentes
hasta aquí
: somos filhos da África
e tudo que contamos através dos nossos corpos
fala sobre nós, mas no profundo da memória
guarda nossos ancestrais.

eu amo um homem negro

eu amo um homem negro e
quando acordo
a primeira coisa que faço é
checar sua respiração
checar todos seus membros
checar com um olhar que atravessa todas as camadas da pele se
todos os seus órgãos estão em funcionamento.

eu amo um homem negro e
quando ele sai
o que eu digo é:
não esqueça seu documento de identidade
não esqueça seu passaporte
não esqueça seu greencard

às vezes, me pergunto se
nossas bisavós diziam aos nossos bisavôs:
não esqueça sua carta de alforria
não esqueça a prova de que é humano
a prova de que é livre.

eu amo um homem negro e
quando ele sai
o que eu digo é:
não cubra seu rosto
não encare
mantenha suas mãos à vista

o que eu digo é:
não permita que te confundam.

eu amo um homem negro e

quando ele retorna
eu conto as feridas
que o dia abriu no seu corpo.

eu amo um homem negro.

eu amo um homem negro
e esse amor me obriga
um ritual diário.

nos tornamos maiores
que um continente
agrupamento de
quilômetros
de terra
apenas com nossos corpos
um sobre o outro.
nos tornamos maiores
que um continente
isolados por oceanos
ou riscando fronteiras entre
tudo que era nosso e
o resto.
nos tornamos maiores
que um continente
e não precisamos de

guerra fincar bandeiras

colonizar o outro dizer

esse território é meu.

nos tornamos maiores

que um continente e

inventamos

um idioma próprio.

nos tornamos maiores

que um continente.

nos tornamos maiores

que um continente e

sequer percebemos quando

nossas terras secaram e

surgiu a rachadura:

a fresta existente entre as minhas pernas ficou profunda

até alcançar as águas possíveis

de movimentar as placas tectônicas

as águas possíveis
de separar os corpos
as águas tão inconscientes
abaixo do lodo que temos todos.
nos tornamos maiores
que um continente e
prevejo
demorará séculos milênios
para matarmos nossa civilização.
nos tornamos maiores
que um continente e
prevejo
demorará séculos milênios
para alcançarmos a distância existente
entre África e América Latina.

GENOCÍDIO

Existe ódio por baixo dos tapetes de minha família
Há poeira no álbum e porta-retratos
E bagunça atrás da porta.
Talvez seja meu primo que atrás das grades odeia a todos nós
Ou seu sobrinho que desapareceu com numa moto de alguém da vizinhança tenha ódio de nós
Ou seja a diabetes de minha tia que a fragiliza nas filas de hospital
Talvez o ódio de minha família é meu cabelo ser tão crespo.
O casamento de minha irmã ter se despetalado em suas mãos enquanto segurava as filhas no colo e carregava a bíblia
Meu pai odeia a si por desaparecer quando a gente mais precisava
Meu tio que é policial tem ódio de bandido
Meu primo tem ódio da mãe e da família, mas nunca disse o porquê enquanto beijava outros caras.
Eu tenho ódio quando chove e não posso brincar com as lembranças no quintal de onde cresci
Talvez o ódio tenha vindo de minha bisa que foi “pega nos matos pelos cães” de meu bisavô.
Talvez pelo que andam falando de problemas de família que tenhamos ódio
Mas dizem que toda família tem problemas
Talvez por isso minha mãe morreu de ódio
Temos um problema que é tão familiar:
A nossa cor foi eleita a participar do programa de genocídio popular de gente preta.

PATERNA

Essa mão que por cima de minha história escrita
descansa,
Lapida com os lábios versos em rezas,
E reveza suas camadas, em câmaras e
camaradagens de suas sentenças
Os dedos que não se afrouxam,
As unhas que em si afixam,
O rosto que marca no meu a lembrança,
O jeito leve, o cheiro forte, a coisa toda
Essa mãe que compensa sua falta
Essa aula que o professor não veio,
As veias que colorem nossas eternidades em
gerir nossas genealogias,
Essa cabeça curvada que pensa
Tua maneira de caracolar meus pensamentos e
cabelos
Eu acredito na pele preta que me vestiu,
Creio em nosso povo e em nosso cuidado
Queria tanto que essa mão que não cede, seda
No papel como em documento e argumento:
Seja só a vontade de minha cabeça si acarinhar
com suas imagens paterna.

EPAHEY!

Meu escudo é um vento
Sossega minha mãe quando os seus
amanhecem,
Do contrário, poderosa que é, arma-se com sua
fala-eruexim:
“Quando não me ajudar, não me atrapalhe”

marcelo ricardo

Lembrancinha

Azul é a cor da esperança, espero eu.
No réveillon
Escrevi na caderneta celeste
Que ganhei de Mel,
Meus pedidos de ano novo
Minhas expectativas para o futuro
Caso eu, jovem negra, superasse as estatísticas.
Fui varrendo atrás da prosperidade
Talvez coubesse um tanto mais de paz
Não tive dinheiro, mas sorri de graça
A felicidade me namorou e eu gozei sem ajuda de deus
Ainda não aprendi a amar
Mas estou pelejando
Agora sei beijar bem
E ainda me apaixonei de verdade
-pela quinta vez esse ano-.

mariana oxente gente

Ladainha

Santa fé placebo
Deus de farinha e água
Pirão que alimenta a esperança em sobreviver com a falta
Como pilão os joelhos maceram o piso.
Afinal, rico é quem pode, crente é quem tem juízo
Prato de entrada às poucas refeições,
A ladainha profana lambuza a boca sagrada.
Não se sai em Jejum, dizia minha vó
Se tiver água, beba, se não, Deus proverá
Afinal, do barro vim, ao fundo da cisterna quero retornar.
Sobre a minha carne de sertão moqueada,
Sal além do gosto
Nada de novo sob o Sol, a melanina torrando
E só.

mariana oxente gente

Coalhada

Ainda choro o leite derramado
Dos meus seios.
Ainda choro
A fome das minhas crias
A presença da ausência
A fome da mãe que não estava
Por estar a amar, leitosamente,
Filhos d'outros peitos.
Chamaram-me: Ama de Leite
Respondi: Não amo.
Nem de Leite
Nem de Café
Nem de Cana
Não há amor
Só dor
Dor há,
No peito.

mariana oxente gente

Pétalas ao vento

O céu se tingiu de amarelo
Não era o sol
Não era!

O vento espalhou ao léu
o buquê que eu trazia nas mãos

chuva de pétalas
perfumes de mata
e de lágrimas

chuva de pétalas
flores desfeitas
nos dedos vazios

Plantei no coração
o que o corpo suado regou
nas cristalinas águas vertidas

As meninas dos olhos
ninaram caladas lembranças infinitas

miriam alves

Tenho sono

sono
roubado

Vozes contínuas perturbam a paz
confundem verdades que procuro
nas emoções afloradas

Tenho sonho
sonho
roubado

Nasce nova florada de versos
em tempos de ser livre
em tempos de urgências
as palavras se soltam loucas
faz sentidos

Tenho urgências
Tantas

Quero os frutos verdadeiros
versos a versos
amargos e doces
colhidos agora nas emoções
armazenadas mesmo antes de eu ter nascido.

Luangar

A lua luanga nos arredores da emoção
Penso de como as estrelas são distantes
Sinto como as estrelas são distintas
Constelação de nós
Constelação em nós
As verdades da noite

Não estou só
Mil olhos meus me olham
A noite tem existência

Nomes vidas sonhos e suores
A gotejar palavras infinitas
Do infinito carregado de nós
O infinito nos carregando
Na existência resistente somos

A lua luanga em mim
Brilho prateado
Preto fluorescente

Colho a prata luangada
Secando as lágrimas
Secando lágrimas
Ostento o brilho
Prateado nas palavras estrelas.

herança

há uma árvore em minha vida
não tive barbeis, bicicletas
ou festas de aniversário
só uma velha e frondosa mangueira
a mangueira me deu tudo
e eu nunca soube ser muito infeliz

mônica menezes

lição

uma cena que jamais vou esquecer:
minha mãe grávida
de vestido azul
saltando plena
no poço-fundo do rio

eu-menina no barranco
aprendendo intensidades

mônica menezes

violetas

tenho achado viver muito difícil
mas tenho vivido

e comprado flores para a casa

mônica menezes

Panfleto para Pirlampos e Magnólias

Há um aneurisma no cérebro do País
Esperando o tempo da explosão.
Pirlampos apagados
Buscam faróis na noite da Baía,
No mistério do dique, das docas.
Cerebro manifestos insurrectos
Onde a Poesia cataclisma,
Hekatomba.

Estampo relâmpagos nos muros.
Uma hemorragia inunda
De sangue o oxigênio das horas.
O sangue pletora utopias, risos e chamas.
Apesar da grande noite que se abate sobre o País,
O combate permanece no silêncio das tumbas,
Na obscuridade dos pesadelos,
Nas vontades recolhidas por Blimunda.
O horror retumba sobre as casas.
Enquanto engenho palavras
E lavro novos âmagos.

Na Colômbia,
Há Ceibas na estrada para Córdoba,
E suas raízes guardam segredos
De viajantes, de plantadoras de café,
De homens que bebem a noite
E sorvem nossas magnólias
(Magnólias brancas de Billie).
Mulheres que mascam tristezas, fumos.
Ceibas mulheres que sustentam o céu,
E acolhem ancestralidades ameríndias.
Assim, desmoronam colinas inteiras dentro de mim.

Há acordes de desolação,
Sinfonia de silêncios,
Lassidão dos sonhos, das crenças.
Atavismos seculares nas paredes,
Nos retratos, nas páginas diárias da História.
Nosso leito está vazio.
Nosso eito, sem arado.
Somos um rio seco, sem curso.
Somos um poço escuro e profundo,
Onde não vivem sequer bagres albinos.
Discurso para desertos, para ossos e rochedos,
Para homens surdos e mulheres apáticas.
Somos um Paraguaçu de fósseis, de lembranças marinhas.
Além da devastação em nossas margens,
Aragem alguma suaviza as dores do presente.
Não vislumbro novas galáxias.
Apenas patíbulo de condenados suicidas.
Apenas juizes e delatores,
Apenas sigilos oportunos.
Há um vazamento de tristezas em nossos olhos,
Cataratas mudas aguardam a vertigem do Espírito do Tempo.
E desencantos mofam nossas paredes.
Como mulher: dilato-me!

Por todas as casas do País, há plantação de palmas.
E almas perecem de sede e desencanto.
Mucugê é um jardim de pedras
Cujas pétalas são nossos corações embrutecidos.
O cafezal ameaça as flores do lugar.
O manguezal avança sobre sutilezas de cores.

Há um aneurisma em mim
Que também explodirá!

Há um aneurisma nos justos
E naqueles que buscam alegrias coletivas.
Canso-me dos homens
E dos tentáculos da sua arrogância
Que invadem meus abismos,
Minhas sutilezas, minhas cerâmicas, meus musgos.

Canso-me dos homens
E da sua estupidez de pedra
Da sua obscuridade de gruta,
Seu estado de inércia,
Sua velhice precoce,
Sua adolescência perpétua.
Sua covardia de demônios.
Sua desistência, seu desamor.
Sou uma mulher da América Latina!
Sou uma voz diaspórica, negra!
Venho de uma África que me busca.
E o que faço é atravessar oceanos,
Decifrá-la em mim, em meu território.
Minha pena é o meu remo.
Minha pena é a minha bússola.
Minha pena é também minha nau.

Canso-me dos abutres, das raposas,
Dos leopardos e da prepotência dos intelectuais.
Ninguém me faz feliz!
Ninguém tem a chave!
Quem nutre a memória de mim?
Quem projeta meus delírios em suas cavernas?

Há um ranço de família na poeira das mobílias.
Ranço de nomes na cartografia das lápides.
Ranço do poder na energia das vozes,
Na seleção dos vocábulos.

Há o vício dos brancos, o vício do poder dos homens.
Sou feminista quando me desconstruo,
Travo embates com a existência
E enfrento temores.
Há um ranço de poder nas elites.
Há estalactites nos cérebros,
Estalagmites entre o sexo e a alma.

Há desvãos insondáveis dentro de mim.
Ninguém me acha, ninguém me vê,
E, hoje, ninguém me habita.
Há um labirinto dentro de mim,
Que apenas eu me percorro solitariamente aos domingos.
Apenas eu mínguo de vésperas e de escolhas.
Apenas eu recolho âncoras
E trago pavões em minhas saias.
Dragões e mandrágoras residem nas rendas
Das minhas negras anáguas.
Apenas eu sou casta,
Pois vivencio a solidão absoluta das divindades.

Trago em mim a ilusão de reter o tempo,
A extensão da vida, da morte.
Inútil reter o a convulsão dos diamantes!
E a combustão dos diademas.
Inútil reter sementes, óvulos e afetos!
Inútil, pois o belo expira.
O amor definha.
E a história é feita de fios que se desfazem
No ano do Galo.
Restam vestígios e sombras apenas.

Os girassóis de Van Gogh estão mortos!
Somente agora os vejo cadáveres.
Somente agora murcham e enlouquecem

Diante das minhas janelas barrocas.
Há desolação em meu peito
E o coração assombra-se com
Conspirações, golpes.

A Poeta cisma da sua escrivadinha
E gira na convulsão do mundo.
A Poeta transita entre as minas de ouro da Colômbia
Em amnésia, em guilhotinas, em fraudes.
Atordoada de si mesma e da sua condição.
O estúpido americano ataca a língua de Lorca!
O Chile, em incêndios.
Imigrantes sofrem açoites, pânticos.
Tudo o que canto faz-se poeira cósmica.
Tudo o que canto evade-se sem eco.
Tragam-me o ópio, o haxixe e o absinto!

you need to be more like water
you don't have to be safe all the time
you can be current and use it to carry things even though
you can be a big wave in the ocean and drown what already doesn't matter
you can be when you turn into a waterfall
of those enormous and unreachable
or then a calm lagoon but far away
only nothing who can grab the trail
you can be that current of water that descends between the cracks of a
rock
and shows that some ruptures are necessary
so that beauty is born
hot or cold
abundant or serene
never apologize
for spilling

*

pretinha,
we continue having a lot in common
existing in the minimum doesn't interest us
neither is enough
any space still seems little
for behaving in all these
our vast parts
we are women
and I know that in the morning you are afraid
of being alone, of not succeeding, of giving up
and thinking when it's time to change
of air, of the past, of the state
me tell me, what do you do when you lose the ground?

quantas ausências se acumularam na sua retina?
você ainda consegue se doar?
quanto te vi perguntei pouco
não quis invadir ou entrar sem bater
só que se tu quisesse contar
te ouviria por horas, te diria que a leveza
não é algo permanente
às vezes ela vem e logo vai embora, entende?
temos que lembrar
como ela chegou e o porquê de ter saído
foi assim que aprendi a estar bem comigo
eu não só decorei o que me traz paz
como também sei bem o que me tira

pretinha,
será que o barulho das correntezas dos rios
não tem muito mais a nos dizer
que todas essas vozes
que moram na gente
mas não são nossas
será que nós não estamos buscando
um jeito, um toque, um sinal
que venha como um abraço quando
estamos chovendo torrencialmente
cansadas até mesmo de dar o nosso melhor
sentimos na boca do estômago a saudade do comum
de se jogar na rede de casa, de um beijo longo
copos cheios e cheiros no pescoço
ter quem não fuja
quando nosso peito alaga
ter um sono manso sem pensar na estratégia de guerra
dos amanhã

pretinha,
o problema não é você continuar acreditando

é que nem todas as mãos podem abrigar
o seu poder ancestral

pretinha,
sei que pareço sempre armada
cheia dos patuás e de cara fechada
se você soubesse de tudo que passei
compreenderia que aprendi a me proteger
porque já me causaram tantos danos
foram anos pra eu me reencontrar
me gostar, me enxergar, buscar equilibrar
me roubaram tanto
agora não mais
e te digo, a dor não me fez bruta
mas sou marcada, difícil encarar as cicatrizes
de uma mulher selvagem que tem cada poro
em constante luta

pretinha,
me procure quando se perder e quando se encontrar
perdidas podemos esbarrar os nossos sonhos
e nossos caminhos de fé
inteiras podemos transbordar
nos demorar, nos elevar

meu bem,
a cura vem mesmo
devagar.

*

amor ancestral

nem mesmo se eu puxasse assunto
com as sessenta pessoas que atravessaram

a faixa de pedestre da avenida da estação
nesse minuto
elas não compreenderiam
o tamanho da saudade
que preenche a falta
nas minhas mãos

queria desabafar, parar todo mundo
pra dizer que eu te vejo sem tropeços
retinas atentas pra admirar
suas vivências
não, parar todo mundo pra dizer
se alguém já sentiu isso dessa forma
que não tem forma alguma
porque imensidão não é matéria
não é medida
é despreendida
do ayê

e estar distante de você
me desmovimenta
muda a minha frequência
fico emanando uma energia tão lenta
que o externo escancara o coração
até o trem circulou com velocidade reduzida
hoje
os estabelecimentos estavam mais vazios
que o normal
e a música na rádio do calçadão
não deu vontade de dançar

aquele vento que bateu no meu corpo
na hora de voltar pra casa
primeiro passou por você
não se explica

que nossos encontros
são tanto
que tomam
o caminho
do mar
e cruzam
asfaltos

(se te atravessa
vai me transpassar
hora ou outra)

foi bonito
o barulho da brisa
mas só eu ouvi

aí um muro me disse
já sabia que ela existia
é fácil o porquê de não gostar
de surpresas
quem tem despedidas pregadas
na pele
não simpatiza com a espera
antecipei sua vinda quando enfeitei
mel e flores amarelas pra oxum
nem te pedi, só disse
mainha, por favor
que não me levem mais
embora de mim
e que seja aconchego
o que virá

sinceramente
eu não posso te devolver
aquilo que lota

esses espaços que tomaram
conta do seu peito
rachaduras que a vida trouxe
que ainda te tremem
mas posso resgatar contigo
o que for possível
pra se recontar
podemos ocupá-los
com xirês em yorubá

Oya balè e Láárí ó
Oya balè
Oya balè e Láárí ó
Oya balè
Àdá máà dé f'àrá
gè ngbélé
Oya balè e Láárí ó

(oyá tocou a terra, ela tem alto valor
que a sua espada não nos atinja
nem os raios cortem a nossa casa)

há quem nos olhe
há quem saiba dos caminhos
que você percorreu
e se ainda sentir gosto de dor
dentro da boca
que espadas não mais te atinjam
nem os raios cortem a sua casa

fez da voz sua escudo
seu patuá é sua história
sorte é palavra equivocada
quando se vê por onde seus pés
já pisaram

quando se escuta o que seus ouvidos
guardaram
por isso te enxergo templo
não só te amo
te reverencio
te cultuo
te respeito.
e vou te esvaziar
dos acúmulos
quando o corpo pesar
e vou te celebrar
acima de tudo
vou te celebrar

não é promessa
é cura.

*

tudo que habita em meu corpo
é solo sagrado que ecoa grito ancestral
minha pele é marcada de palavras
que contam a história
de uma mulher que nasceu oceano
lava e vento

gero, queimo e contorno
todos os cantos
do mundo

Sal

Mexemos tanto esta noite, choramos
sal com pura pura felicidade em
movimento, tecemos a massa de gente,
descendo coladas com o mini-trio, um trio que para
você era massa nostalgia: trombone
trompeta, guitarra, teclado. Três, talvez quatro
músicos com um truque de fazermos todos
pular, sorrir pelos poros, deslizarmos
nos paralelepípedos.

Então, é isso que é sambar, e é a mata
de são joão, e também é
saint john's wood, meses e meses
e mais meses depois, e nunca antes, e
entretanto, é apenas na mata de são joão
que está billy shears, e a vez de I'm
fixing a hole where the rain gets in
and stops my mind from wandering.

É dançar
e dançar e imagino
que alguém na massa imagina
que estamos altas que nem
pipas e não estamos. Tragamos
apenas vinho, numa garrafa de plástico, bailamos
livres e voltamos e logo revoltamos e vamos ao
campo de futebol. Há um palco onde o som se despeja por todas
as nossas feridas e colocamos a garrafa de plástico de vinho
no chão e dançamos e dançamos e dançamos como se nunca
tivéssemos dançado.

Tributos

Causas polares,
celulares,
rochas
ou barro
teriam
consistência
para parar
a vinda da rebentação.
Quando se aceleram
para almoçar,
as datilógrafas
da construção
se manifestam
de forma
quase
dramática.

sarah rebecca kersley

Arranjo das prateleiras

Para a ilha de sempre,
em uma mochila, levo
o livro de nós
e carpintaria.

.....

Sarah Rebecca Kersley
em “Tipografia oceânica”
(Paralelo13S, 2017)

sarah rebecca kersley

27 DE FEVEREIRO

a estrada.
meu mundo forjado de ferro
dobrado quente
derretido de amor
pedaço de afirmação
cerca de boa intenção
terra plantada de afeto
calçada de liberdade
é por nós que eu vou
me aninhar sem medo de facas ou batalhas
com ela eu trilho
caminho
chegada e pôr do sol
com ela eu sou
inteira
verdade
por ela tem nós
E as crianças
Chegarão

urânia muzanzu

SEGREDO

se me enfeita a vulva de boca inteira
molhada em nossas águas
posso ficar
entardecer a procurar
o ponto
o ritmo
a nossa dança
de vão em vão no seu corpo
ensolarar
aprender
atrasar para chegar junto
com ela
no ponto duro e delicado que amolece os corpos
vou ficar
implorar
para o atrito continuar
enquanto meu corpo derrete na trama
dela

urânia muzanzu

TITA

enquanto espero por ela
crescem meus dreads
meus sonhos
nossas sintonias
de crianças Pretas
fé no Orixá e revoluções engendradas
na letra preta de Conceição
vamos vivendo luta
e esperança
de família pixaim
reunidas e blindadas de amor
enquanto espero por ELA
arrumo a casa
bagunço as normas
construindo outras formas
vou seguindo
de mãos dadas
com ELA.

urânia muzanzu

O Verbo usurpado

Para Conceição Evaristo

Reaver o Verbo
de nós usurpado,
moldá-lo
com mãos de poesia,
promovê-lo uterino
e no seu afeto mais íntimo
depositar a luz de nossos resíduos.

Devassar o Verbo
de nós usurpado,
lamber-lhe a boca
de muitos mistérios,
mordê-lo no gozo
e a ele se fundir
como que a tecer liberdades.

Mirar o Verbo
de nós usurpado,
plantar na sua paisagem inóspita
um outro horizonte,
feito do revés do silêncio
de quando nos arrancaram a língua.

Desanuviar o Verbo
de nós usurpado,
expurgá-lo dessa espessa garganta,
prenhe de desejos,
e contemplar a ranhura
que seus pés dançantes realizam
na roda do Tempo.

Sangrar o coração do Verbo
de nós usurpado,
ser fluxo descontínuo
em suas entranhas,
ser dele o transe
e remover-lhe a tez opaca:
anoitecê-lo, salvá-lo.

Questão de vala

Resiste, ainda, à pólvora odiosa
o corpo abnegado de Marielle,
o corpo compassivo, suspenso em flor,
resiste a espumosas rotas de sangue
inscritas em mares de horror,
resiste à vida abreviada,
esquecida entre as histórias
de tantas vidas preteridas.

Seja, enfim, questão de vala:
quanto fala
a bala
que em nós cala?

Não pode conter o chumbo certo
o corpo abnegado de Marielle,
não pode conter os projéteis
que se desviam dos prédios da zona sul,
que se afastam dos carros de luxo,
que contornam os bem nascidos
e vão alijar uma outra existência
já tão relegada à negação,
já tão calejada de não.

Seja, enfim, questão de vala:
quanto fala
a bala
que em nós cala?

E se assim vive, embora varado,
o corpo abnegado de Marielle,
o corpo compassivo, suspenso em flor,
é porque aprendeu a enganar o fim,

tendo de suportar a dor mais doída
e se alimentar de si nos dias de fome,
teve mesmo de tatuar o etéreo nome
na carne da memória
a que nenhum fuzil pode matar.

Seja, enfim, questão de vala:
quanto fala
a bala
que em nós cala?

Imaginário

Pende entre minhas pernas pretas
um mito gorduroso,
quase impossível de carregar.

E na sua plena atividade,
na diabólica plasticidade,
me arqueia o dorso,
me alquebra o corpo
até interdita-lo.

E na sua robustez de mito,
me debilita a frágil saúde
ainda mais,
nas suas dimensões de mito,
me diminui a forma
ainda mais,
na sua centralidade de mito,
me reduz a toda solidão
do cais.

Por isso, não morram
se eu resolver
extirpa-lo amanhã.
É que minhas pernas pretas
marcham melhor
sem o seu peso incômodo,
minha cabeça preta
se equilibra melhor
sem o seu peso incômodo,
todo meu corpo preto
se ergue maior
sem o seu peso incômodo.

organizadoras

conceição evaristo

Conceição Evaristo é escritora. Ficcionalista e ensaísta. Mestre em Literatura Brasileira pela PUC/Rio, Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Sua primeira publicação (1990) foi na série Cadernos Negros do grupo Quilombhoje. 7 livros publicados, entre eles o vencedor do Jabuti, Olhos D'água (2015), 4 outros traduzidos para o inglês, o francês,



espanhol e árabe. Prêmio do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra; Prêmio Nicolás Guillén de Literatura pela Caribbean Philosophical Association; Prêmio Mestra das Periferias pelo Instituto Maria e João Aleixo (tudo isso em 2018!). Escritora homenageada em diversas Feiras Literárias, a mãe de Ainá – sua especial menina – nesse mesmo ano, teve 3 de seus 7 livros, aprovados no PNLD Nacional e também é a escritora Homenageada da Olimpíada de Língua Portuguesa pelo Itaú Social em 2019. Neste ano, também lançou seu “Poemas da Recordação e Outros Movimentos” em edição bilíngue (Português/Francês) no Salão do Livro de Paris. Será homenageada pelo Prêmio Jabuti ainda nesse 2019 como personalidade literária.

livia natália

Livia Natália é poeta, Doutora em Literatura e Professora Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Pós-doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB). Autora dos livros Água Negra (Prêmio Banco Capital de Poesia/2010), Correntezas e Outros Estudos Marinhos/2015 (ed. Ogum's Toques Negros), Água Negra e Outras Águas/2016 (Caramurê), Dia bonito pra chover (Prêmio APCA de Melhor Livro de Poesia do ano de 2017/ Ed. Malê, 2017) e Sobejos do Mar (Ed. Caramurê, 2017). Teve um poema escolhido pela cantora e escritora Adriana Calcanhotto para a antologia por ela organizada sob o título É agora



como nunca (Ed.Cotovia/Portugal e Companhia das Letras/2017). Em 2018, lançou o seu primeiro livro infantil, As férias fantásticas de Lili (Ciclo Contínuo/2018), uma história narrada em versos.

MINIBIOS

akins kintê

poetinha sem tempo, remetido ao passado, presente e futuro, “nascido no berço do skindô e criado nos terreiros do ziriguiduns” tem como escola os campos de várzea, e o corpo batuca sob a luz da lua, delicia os lábios na menina que traz na pele a mesma cor da noite. Bebe de se embriagar na fonte do samba e da oralidade dos negos velhos, bom com a memória é um elo na manutenção na casa da ancestralidade onde arrisca poetizar através da lente câmera. Teu escritório é nas esquinas da vida de onde silencia tuas mãos e o coração dedilha sempre um verso seja lá qual for adversidade da vida.

alex simões

Alex Simões/alexsim (1973) é poeta e performer soteropolitano. Acaba de lançar seu quarto livro de poesia intitulado “trans formas são” (organismo Editora) e vem atuando na cena cultural baiana desde os anos 90, com poemas e performances que põem em diálogo a poesia, a música, as artes visuais e o ativismo. Tem poemas em diversas antologias, coletâneas e revistas nacionais e internacionais, traduzidos para o inglês e o espanhol. Tem um blog: toobitornottoobit.blogspot.com.br email: poetalexsimoes@gmail.com

ana célia da silva

nasceu em Salvador, na rua do Bispo, no Terreiro de Jesus em 25/08/1940. Fez Mestrado e Doutorado na Faculdade de Educação da UFBA. Juntou-se ao grupo formador do MNU em 05/1978, onde criou o Grupo de Trabalho de Educação Robson da Luz. Publicou pela Editora da UFBA:

A discriminação do negro no livro didático, 1995;

A desconstrução da discriminação do negro no livro didático, 2001;

O terreiro, a quadra e a roda Organizadora com Edivaldo Boaventura, 2004;

A representação social do negro no livro didático – o que mudou por que mudou, 2011.

Retrospectiva de uma trajetória de ações afirmativas precursoras à Lei 10.639/03 2017 Publicou em diversas coletâneas de diversos estados. Está escrevendo fragmento, sua biografia.

ângela vilma

nasceu em Andaraí, Bahia em 10/11/1967. Publicou os livros de poemas: Beira-Vida (Jotanesi Edições, 1990), Poemas Escritos na Pedra (Jotanesi Edições, 1994), Poemas para Antonio (Ed. P55, 2010) e A solidão mais funda (Ed. Mondrongo, 2016); e de contos: A casa (MAC, 1997) e Ela, João e o Terno (MAC, 1998). Integrou, entre outras, as seguintes coletâneas: Sete faces (UEFS, 1996), Figuras contínuas (UFPE:MAC, 2000), Concerto lírico a quinze vezes (Ed. Aboio Livre, 2004), Tanta Poesia (Menção Honrosa, Prêmio Banco Capital 2005), Brasil Retratos poéticos (Escrituras, 2009), Mulheres Poetas & Baianas (Salvador: Caramurê, 2018). Lançou, em 2004, pela FUNCEB, sua dissertação de mestrado, A tessitura humana da Palavra: Herberto Sales, contista.

Atualmente ÂNGELA VILMA é professora adjunta de Teoria da Literatura da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tem, desde 2007, o seguinte blog: www.aeronauta.blogspot.com. Publica também em sua página do Facebook.

ari sacramento

forjado pelos ventos, acredito na palavra como quem olha para uma escultura e vê: dura, precisa, robusta. Por isso, o jeito de me dizer poeta é algo mais difícil que os pareceres de quem admiro como poeta, contista, escritora. Do domínio das inseguranças, fiz-me professor... de história das escritas, dos textos, das narrativas de quem não disse, na UFBA, quando professor há mais de uma década, chamam-me de filólogo; lá em casa, que é reino de muita novidade, sou sempre Arizinho - jeito de corpo que sempre me faz emocionar.

carlos machado

(Muritiba-BA, 1951) é poeta e jornalista. Publicou os livros A mulher de Ló (2018), Tesoura cega (2015), Cada bicho com seu capricho (infantil, 2015) e Pássaro de vidro (2006). Edita na internet o site Alguma Poesia (algumapoesia.com.br) e o boletim quinzenal poesia.net.

cidinha da silva

é autora de 13 livros de literatura, destacando-se “Os Nove Pentes d’África”

(novela, 2009); “Racismo no Brasil e afetos correlatos” (crônicas, 2013); “#Pa-rem de nos matar! (crônicas, 2016); e “Um Exu em Nova York” (contos, 2018). Organizou duas obras fundamentais para o pensamento sobre as relações raciais contemporâneas no Brasil, “Ações Afirmativas em Educação: experiências brasileiras” (2003) e “Africanidades e Relações Raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil” (2014). Tem textos traduzidos para o espanhol, francês, italiano e inglês.

crystal

nasceu poesia em junho de 2002, começou na poesia escrevendo versos no Orkut, sempre manifestando de diversas maneiras o amor pela escrita. Em 2017 foi finalista representando o Slam Peleia na Primeira Final Gaúcha de Slam, representando pela primeira vez o Rio Grande do Sul no Slam BR 2017 - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada.

Participou da Abertura da Festipoa Literária em 2018, trazendo importantes referências negras como, Conceição Evaristo e Djamila Ribeiro. E seguindo a programação do evento, abriu o show da cantora Luedji Luna, ao lado das poetas Mel Duarte e Luna Vitrolira. Foi artista convidada no sarau Sopapo Poético - Ponto Negro da poesia, importante referência negra do estado do Rio Grande do Sul, seguiu fazendo apresentações em universidades, aberturas de shows como o lançamento do EP da cantora Raquel Leão, fez parceria em uma campanha internacional para a Casa de Cinema de Porto Alegre, e participando dos slams, competições de Poesia Falada.

Em 2018 lançou seu livro independente “Quando o Caso Escurece” com poesias autorais e inéditas e é integrante do coletivo Poetas Vivos que estreou seu primeiro espetáculo em outubro de 2018: “Vida Longa à Resistência - O Espetáculo”.

cristiane sobral

é carioca e vive em Brasília. Atriz, professora de teatro da SEDF e escritora. Mestre em Teatro (UnB). Membro do Sindicato dos Escritores. Ganhadora do Premio FAC 2017 Culturas Afro-Brasileiras. Ocupa a cadeira 34 na Academia de Letras do Brasil (ALB). Tem 5 publicações em prosa e poesia sendo a mais recente: “Terra Negra”, Ed. Malê. Em 2018 comemora nos palcos brasileiros os 20 anos do espetáculo “Uma boneca no lixo” no qual atua e assina a dramaturgia. Escreve no blog: cristianesobral.blogspot.com Instagram [@cristianesobralartista](https://www.instagram.com/cristianesobralartista)

cuti

é pseudônimo de Luiz Silva. Formou-se em Letras na Universidade de São Paulo. Mestre e doutor em literatura brasileira pela Unicamp. É um dos criadores da série Cadernos Negros (1978-2017) e um dos fundadores do Quilombhoje-Literatura. Suas últimas publicações: Quem tem medo da palavra negro, 2012 (ensaio); Kizomba de vento e nuvem, 2013 (poemas); Contos escolhidos, 2017; Negrhúmus líricos, 2017 (poemas); Tenho medo de monólogo (co-autoria Vera Lopes) & Uma farsa de dois gumes, 2017 (teatro).

daniela galdino

poeta, Performer, Produtora Cultural. Publicou “Espaço Visceral” (Segundo Selo, 2018), “Inúmera/Innumerous” (edição bilíngue, tradução Brisa Aziz, Mondrongo, 2017), “Inúmera” (2ª edição 2013, 1ª edição 2011, Mondrongo) e “Vinte poemas caleiDORcópicos” (Via Litterarum, 2005). Participa de diversas antologias literárias. Tem poemas publicados no Mapa da Palavra_Ba (Funceb, 2016). Organizou dois volumes de “Profundaças: antologia literária e fotográfica” (Voo Audiovisual, 2014 e 2017) .

elio ferreira de souza

nasci em Floriano, Piauí, a 14 de maio de 1955. Fui ferreiro e bombeiro hidráulico dos nove aos vinte anos de idade, na oficina do meu pai. Sou Professor de Literatura na Universidade Estadual do Piauí, UESPI. Doutor em Letras pela UFPE. Pós-Doutorando na UFMG. Publiquei sete livros de poesia, biografias e livros de ensaios autorais. Dentre os quais: América negra & outros poemas afro-brasileiros, 2014; POESIA NEGRA: Solano Trindade e Langston Hughes, 2017.

esmeralda ribeiro

jornalista, nascida em São Paulo em 1958, Esmeralda Ribeiro faz parte da Geração Quilombhoje, que atua nos movimentos de combate ao racismo e na construção de uma ‘Literatura Negra’, a partir do resgate da memória e das tradições africanas e afro-brasileiras.

No momento, é responsável, junto com Márcio Barbosa, pela direção do

projeto cultural Quilombhoje e pela coordenação editorial da série Cadernos negros, atualmente no quadragésimo primeiro ano de existência. A escritora está presente em diversas antologias de prosa e de poesia negras, tanto no Brasil quanto no exterior.

jairo pinto

em 2016, após integrar algumas antologias, o escritor baiano Jairo Pinto publicou seu primeiro livro: *Por Onde Começar: Antologia de Verso e Prosa* (Cogito Editora). A obra reúne textos que amadureceram junto com o autor. Da infância de quem cresceu na periferia de Salvador até a construção dos caminhos que o alinham nas entrelinhas da literatura negro-brasileira. A primeira publicação em livro foi na importante antologia Cadernos Negros - Volume 33, em 2010, por sugestão do escritor Lande Onawale. Depois, participou também das edições 34, 35, 36, 37, 38 e 40. Além destas obras, integrou publicações como as antologias poéticas Focus VII e XII, Mundo - Volume I, CAPPAZ - Volume IV, Pretumel de Chama e Gozo - Antologia da Poesia Erótica Negro-Brasileira, Antologia Poética Liberdade, da Antologia Kama: Poesias e Contos Eróticos e dos Projetos Pé de Poesia e Doce Poesia Doce. Também participou da antologia de crônicas Solilóquio e teve poemas traduzidos para o castelhano publicados no quinto número da revista espanhola La Galla Ciencia. Se destacou em premiações como o Prêmio Lauro de Freitas de Literatura, os concursos literários Sarau da Onça, os Concursos Internacionais de Poesia Cogito, que lhe renderam publicações, e o Concurso de Poesia CEPA 62 anos.

jarid arraes

é escritora, cordelista, poeta e autora dos livros “Redemoinho em dia quente”, “Um buraco com meu nome”, “As Lendas de Dandara” e “Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis”. Curadora do selo literário Ferina, atualmente vive em São Paulo (SP) e tem mais de 70 títulos publicados em Literatura de Cordel.

jenyffer nascimento

é mãe, poeta, feminista e articuladora cultural. É pernambucana de nascença. Criada em SP, na periferia sul da cidade, tem no território sua inspiração

pela vivência cultural, artística e afetiva tão pulsante. Versa o cotidiano, os amores, os desejos, as lutas e os sonhos de futuro. Seu primeiro livro “Terra Fértil” foi publicado em 2014 pelo coletivo MJIBA e participou de publicações no Brasil, Chile e Paris. Atua na rede de mulheres negras e periféricas de SP. Colaboradora na Revista Amazonas e já foi colaboradora da Revista Fala Guerreira.

jorge augusto

poeta e professor, soteropolitano, do bairro da Liberdade, publicou poemas nos livros “Antilogia” – organização de coletânea entre poetas de Bahia e São Paulo, 2011, nas coletâneas O diferencial da favela, e Enegrescências, essa pela editora Ogum’s Toques. Tem poemas em revistas virtuais como Diversos afins, Germina Literatura entre outras. Possui textos publicados em jornais e revistas como: Revista Cronópios, Bahia Notícias, SUL21. Organizou o livro de crítica “Contemporaneidades periféricas”.

jovina souza

Nasceu no estado da Bahia, mora atualmente em Salvador. Graduada em Letras vernáculas, publicou o primeiro livro intitulado Agdá em 2012 e o segundo “O caminho das estações em 2018. A poeta tem textos publicados em várias coletâneas, como os Cadernos negros e nas redes sócias. Tem participado ainda de feiras literárias como a Flipelô e outros ventos literários. Contato:mbraw1@hotmail.com e facebook.

lande onawale

Lande M. Onawale – escritor e poeta, nasceu e mora em Salvador-Ba. Publicou, em edição do autor, os livros de poemas O Vento e Kalunga – poemas de um mar sem fim, e o de contos Sete – diásporas íntimas (Mazza Edições, BH). Adotado pelo MEC em 2013. Tem publicado em antologias diversas, entre as quais destaca o Cadernos Negros (Ed. Quilombhoje, SP).

laura castro

escritora de bloquinhos, blogs e paredes, Laura é movida pelo desejo de ex-

perimentar diferentes possibilidades materiais da escrita. É autora de “Oarmarinho” e “Fique são”, ambos de 2018, “Pé de palavra”, de 2016, “Telefone tocou novamente”, de 2014, “Fio condutor”, de 2013 e “Cabidela: bloco-de-máscaras”, de 2011. Integra o coletivo de artes gráficas ‘Sociedade da Prensa’, que gesta o selo editorial Edtóra, trabalhando com publicações independentes e investigando processos de autopublicação. Atualmente é professora do Instituto de Humanidades, Artes & Ciências Professor Milton Santos (IHAC/UFBA).

lubi prates

(1986) é poeta, editora e tradutora. Tem quatro livros publicados (coração na boca, 2012; triz, 2016; um corpo negro, 2018; sin país, 2018 - Uruguai); sendo o terceiro, contemplado pelo PROAC com bolsa de criação e publicação de poesia. Tem diversas publicações em antologias nacionais e internacionais. Organizou os festivais literários para visibilidade de poetas, [eu sou poeta] (São Paulo, 2016) e Otro modo de ser (Barcelona, 2018) e também participou de outros festivais literários no Brasil e em outros países da América Latina. É sociafundadora e editora da nosotros, editorial, é editora da revista literária Parênteses. Dedicar-se à ações que combatem a invisibilidade de mulheres e negros. É mestranda em Psicologia do Desenvolvimento Humano, na Universidade de São Paulo.

luedji luna

Luedji Luna é poeta, cantora e compositora.

marcelo ricardo

Filho de Oyadarê (Ana da Ilha), do Ilê Oyá Ase Alakaye (Itaparica/BA), é Bacharel em Humanidades pelo Instituto de Humanidades, Artes, Ciências e suas Tecnologias (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduando em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, atua como repórter no Correio Nagô (Instituto Mídia Étnica). Poeta e contista, publicou na “Antologia Poética do Projeto Enegrêscência” (2016), “O Diferencial da Favela, Poesias e Contos da Quebrada” (2017) e através do concurso nacional “Prêmio Malê de

Literatura – Jovens escritor@s negr@s” (2016), pela Editora Malê (RJ). Assina o roteiro e a direção do filme “Barco – Do Outro Lado da Memória” (2018). Pesquisador pelo Instituto de Letras da UFBA (ILUFBA), escreve a partir da intersecção de raça e sexualidade pensando a subjetividade e afetividade na construção de masculinidades negras e de bichas pretas através do viés literário, elabora também a perspectiva da ancestralidade e das religiões de matriz africana. E-mail: marceloricards@gmail.com

mariana oxente gente

filha de dona Maria Lúcia e neta de dona Maria Madalena. Poeta marginal (izada), pendurada nas bordas da literatura negra. Capoeirista, integrante do Grupo de Capoeira Angola Mourão e graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia.

miriam alves

Sua trajetória literária, que teve início em 1983 com a publicação de seu primeiro livro, “Momentos de busca”. É poeta, romancista, contista, ensaísta e faz parte de uma geração de escritoras negras que participaram das primeiras edições dos Cadernos Negros, antologia literária que há mais de 40 anos vem revelando grandes nomes da literatura negra no Brasil. Além disso, Miriam integrou o grupo Quilombhoje Literatura nos anos 1980, co-organizou duas antologias bilíngues internacionais -- Finally us: contemporary black brazilian women writers (poemas), em 1995, e Women righting - Afro-brazilian women's short fiction (contos), em 2005 -- e foi escritora visitante na Universidade do México, em 2007, e, em 2010, na escola de português do Middelbury College, nos EUA, em que ministrou os cursos de Literatura e Cultura Afro-brasileira.

mônica menezes

Nasceu em Lagarto, Sergipe, e vive em Salvador há alguns anos. Publicou o livro de poemas Estranhamentos (p55, 2010 - menção honrosa no Projeto de Arte e Cultura Banco Capital, 2009). É professora de Literatura Brasileira do Instituto de Letras da UFBA.

rita santana

é atriz, escritora e professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia. Em 2004, foi uma das premiadas no Braskem de Cultura e Arte para autores inéditos com o livro de contos Trâmela. Logo depois, o seu livro Tratado das Veias (poesia) foi publicado pelo extinto selo Letras da Bahia, em 2006. A Editus publicaria o seu Alforrias (poesia) em 2012. Participa da antologia Outro Livro da Estante organizada por Herculano Neto e publicada pela Mondrongo em 2015, com o conto Ondas, Trânsitos e Trilhos, além de ter o seu poema Adusto publicado na revista organismo, projeto do Editor Jorge Augusto, organizada por Ederval Fernandes e Alex Simões. Em 2015, participa da FLICA, em Cachoeira. Ainda em 2016, participa na Colômbia do XVI Festival Internacional de Poesia de Cali e do III Encuentro Internacional Mujeres Poetas En El Camino Del Café País De Las Nubes. Em 2018, participa do projeto Pontos Que Nos Unem: Diálogo dos Afetos, na Casa de Angola na Bahia; participa da Fligê – Festa Literária de Mucugê a convite dos Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras.

ryane leão

Sou mulher preta, professora e poeta cuiabana que vive em São Paulo. Publico meus escritos na página Onde jazz meu coração, escrevo em blogs e páginas autorais há mais de 12 anos e recito meus poemas nos saraus e slams da cidade. Sou filha de Oyá e vento forte no seu peito. “Tudo nela brilha e queima” é meu primeiro livro, publicado pela Editora Planeta em outubro de 2017. Sou também fundadora da escola Odara - escola de inglês para mulheres negras com material afrocentrado.

sarah kersley

nasceu no Reino Unido em 16 de dezembro de 1976. É poeta, tradutora, editora e livreira, radicada no Brasil desde 2003. Formada pela Universidade de Glasgow e com Diploma em Tradução pelo Chartered Institute of Linguists, Reino Unido (Tradução português – inglês, 2001), trabalha com textos literários e acadêmicos, adaptação criativa, legendas e histórias em quadrinhos, entre outros gêneros de tradução. É autora do livro de poesia “Tipografia oceânica” (paraLeLo13S, 2017) e a crônica-biografia “Sábado” (paraLeLo13S, 2018). Os

seus poemas e traduções foram publicados em jornais e revistas como O Globo (página Risco), Revista Pessoa, Jornal RelevO, Two lines: World Writing in Translation, The Critical Flame, Asymptote Journal, Modo de usar & co., Revista Oblique, e Long Poem Magazine. Reside em Salvador, onde coordena as atividades da Livraria Boto-cor-de-rosa.

urânia munzanzu

é poeta, cineasta e mestranda em antropologia na Universidade Federal da Bahia. Seja através da palavra escrita ou na produção imagens em movimento, sua obra tem se dedicado a denunciar violências e alimentar afetos.

wesley correia

é autor de Pausa para um beijo e outros poemas (Ed. Nova Civilização, 2006), Deus é negro (Ed. Pinaúna, 2013) e Íntimo Vesúvio (Ed. Pinaúna, 2017) além dos inéditos Carne Viva (Contos) e Sazonais (Romance). Como poeta e ficcionista, tem participado de antologias publicadas no país; como ensaísta publica títulos de crítica literária e cultural em revistas especializadas. Seus poemas foram traduzidos para o inglês, espanhol e romeno. É doutor em Estudos Étnicos e Raciais (UFBA/U. de Lisboa) e professor de Literatura e Identidades do CPgEER/IFBA.

ficha técnica
editora organismo

editor

jorge augusto

projeto gráfico

diego ribeiro

diagramação

livia maria souza

organizadoras desta edição:

livia natália
conceição evaristo

revisão

carlos santiago

Revista organismo, vol. 9.

Revista organismo, n. 9, organizada por Conceição Evaristo e Livia Natália
Salvador: Editora Organismo, 2019.

215 p.

ISSN: 2447-4088

1. Literatura Brasileira 2. Poesias I. Título II. Conceição Evaristo III. Livia Natália

CDD: B869.2